



**CENTRO ECUMÊNICO DE  
SERVIÇOS À EVANGELIZAÇÃO  
E EDUCAÇÃO POPULAR**

**CURSO LATINO AMERICANO  
DE PASTORAL E RELAÇÕES DE GÊNERO 2024**

**IGUALDADE DE CLASSE, GÊNERO E RAÇA:  
ELEMENTOS NECESSÁRIOS PARA A EDUCAÇÃO  
NAS IGREJAS E RELIGIÕES**

São Paulo (Brasil)  
CESEEP - 2024

## **Expediente**

Texto coletivo sistematizado pelos três grupos de trabalho durante o Curso Latino Americano de Pastoral e Relações de Gênero.

### **Coordenador Geral do CESEEP**

José Oscar Beozzo

### **Coordenador Administrativo**

Marco Aurélio de Souza

### **Coordenadora Pedagógica**

Lourdes de F. P. Possani (Lurdinha)

### **Coordenadora do Curso L.A. de Pastoral e Relações de Gênero**

Nilda de Assis Candido

### **Equipe ampliada do curso 2024**

Angélica Tostes - CESEEP

Maria de Jesus Souza Matos

Yohaisa Guevara - CDHEP

### **Equipe de apoio**

Maria Betania Claudino (CESEEP)

Juan Maria Lopes (CESEEP)

Rinaldo dos Santos (Rede Rua de Comunicação)

Felipe Francisco de Moraes (Rede Rua de Comunicação)

### **Assessoria**

Angélica Tostes

Bianca Daebis

Claudia Luna

Cristina Capeleti.

Izabel Patuzzo

Janaína Coelho

Lídia Lima

Lurdinha Paschoaletto Possani

Poty Porã

Sylvia Maria de Oliveira

Vanessa Barbosa

Vanessa Dolce Faria

Vera Lúcia Lopes

Yohaisa Guevara

### **Cursistas (presencial)**

Acácia Rochefort de Almeida Lima  
Baptista Garcia Panzo  
Carla Alejandra Bustamante Rocha  
Flávia Gonçalves de Sá  
Gabriela Alves dos Santos Rocha  
Glória Guerra  
Janet Suárez Corbo  
Liend Masson Cruz  
Maite María Alvarez Roca  
Mirani Paulina Xavier  
Ricardo Mendes Ricco  
Rosilda Ribeiro Rodrigues Salomão  
Waldicéia de Moraes Teixeira da Silva

### **Cursistas (online)**

Agnes Kronenberg da Silva  
Anésia Gonçalves  
Célia Maria Alexandre da Silva  
Felipe Ferreira de Almeida Cruz  
Ilza Vidal de Pádua Costa  
Iolanda Gonçalves de Alencar Figueiredo  
Ivanete Paulino Xavier  
Josefa Zeneide de Torres Santos Bezerra  
Josias Santos  
Lemos Afonso Francisco  
Lenir Maria Soares  
Maria Teresa de Jesus Pereira  
Maristela Bonim  
Maria Margarita Hernández Sánchez  
Rayssa Haywani Guedes da Silva  
Regiane Ferreira  
Regiane Ferreira  
Rosevania de Oliveira Pimentel  
Sandra Fernandes  
Sueli Catarina de Carvalho  
Tatiana Xênia Lucena de Brito  
Vanilda Gomes Araújo

## Introdução

O Curso Latino Americano de Pastoral e Relações de Gênero, desde a sua primeira edição, foi realizado no formato presencial. Em 2021 e 2022 o curso foi realizado no formato online. Isto se deu em virtude da Pandemia COVID-19, que afetou o modo de vida de toda a população mundial, obrigando-a a cumprir as normas de isolamento social, impostas pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Em 2024, o curso foi realizado no formato híbrido, ou seja, um grupo participou presencialmente de todo o curso e outro grupo, virtualmente, se juntou ao grupo presencial para algumas das conferências temáticas, bem como contribuiu para a sistematização.

Um dos principais desafios para o CESEEP ao realizar o curso híbrido, foi o de manter o grupo presencial com as atividades propostas e juntá-lo ao grupo virtual em alguns momentos. Manteve as suas características, em circunstâncias bem distintas do modelo utilizado apenas presencialmente. Dentre os elementos, que foram mantidos no curso, estão a partilha de práticas, o aprofundamento dos conteúdos propostos e a sua respectiva sistematização das aprendizagens do curso, compreendidas como elementos constitutivos da Metodologia da Educação Popular.

Sistematizar as aprendizagens após um período de estudos e de reflexão sobre a realidade, à luz da teoria / estudos desenvolvidos no curso, nos permite apreender o que nos é mais importante para o retorno às práticas em cada região / país de origem das/os participantes. Consideramos importante a sistematização das aprendizagens após um período de estudos e de reflexão sobre a realidade, à luz da teoria, pois “representa um ato simbólico que marca um encerramento e determina um início, outra etapa da experiência: a nascida de nossas avaliações na caminhada” (FUNDACIÓN INFOCENTRO, 2010, p. 6). O registro tem grande importância nos processos formativos e estes podem ocorrer de várias formas, de acordo com os objetivos a serem alcançados. A cada curso, fazemos a sistematização das aprendizagens de acordo com o grupo presente e os respectivos registros. O formato do texto pode ser um manifesto, uma carta aberta e tantos outros. Neste ano, optamos por elaborar um texto coletivo, na forma de um caderno, trazendo a reflexão dos três grupos acerca o tema do curso 2024.

Nesta construção coletiva, consideramos o registro feito individualmente pelas/os participantes e o organizamos em quatro partes: 1. Conceitos sobre igualdade de classe, gênero e raça; 2. O que repudiamos em nossa sociedade em relação à igualdade de classe, gênero e raça; 3. Propostas para a construção de um currículo que eduque para a partilha e fraternidade e; 4. Compromisso em relação ao tema do curso, na volta ao local de origem. Ao final, a coordenação faz uma breve reflexão sobre o texto produzido pelas/os cursistas. No momento de finalização do texto, feito pelo grupo presencial, optou-se pela linguagem inclusiva. Será usado “todas” e “todos”, respeitando-se a trajetória de se incluir nos textos a diversidade de gênero.

Este caderno será divulgado no site do CESEEP e pelas/os participantes em suas redes sociais e comunidade e/ou movimento social dos quais participam.

Parabéns e gratidão a todas e todos, pela participação neste trabalho de sistematização.

São Paulo, março de 2024 / Lurdinha e Nilda

Curso Latino-americano de Pastoral e Relações de Gênero

01 a 15 de março de 2024

**EDUCAR PARA A  
IGUALDADE DE  
CLASSE,  
GÊNERO E RAÇA:  
desafio para as  
igrejas e religiões**

modalidades  
presencial e híbrido



**REALIZAÇÃO**

**Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização de Educação Popular**

# **Igualdade de classe, gênero e raça: elementos necessários para a educação nas igrejas e religiões**

## **1. Igualdade de classe, de gênero e de raça**

Em nossa educação formal, aprendemos que não somos iguais. Nossas vivências colonizam e nos fazem entender que nossas diferenças nos colocam em lugares de inferioridade ou superioridade em relação aos outros, de acordo com nossa classe social, gênero ou raça. Precisamos descolonizar!

A desigualdade de gênero vem do patriarcado, do machismo e traz junto a misoginia, a ideia de que as mulheres tem que ser perfeitas. Fazem com que acreditemos que o racismo real, o capitalismo sejam a regra única de ser vitorioso na vida.

Se faz necessário estudar acerca da igualdade de raça para depois teorizá-la, encarar de frente a branquitude como sendo um comportamento de poder da supremacia branca, pois ser branco é lugar de poder para instrumentalizar a dominação social. É preciso dar visibilidade a todas as raças e culturas: indígenas, negras e tantas outras.

Vivemos a pedagogia colonizada, como a única forma de educar. Não temos o direito de esconder a história dos povos originários, imigrantes, refugiados de guerra, negros, orientais, dos povos de toda a América Latina e do Caribe.

Igualdade pode ser vista de maneira dicotômica e precisamos nos abrir e nos colocar em uma posição de ouvir e de nos despirmos de nossas verdades - como sendo as únicas - e nos colocarmos abertas/os para aprender com a singularidade de cada um! A igualdade será alcançada na diversidade!

Igualdade de gênero, classe e raça é a tentativa equivocada de trazer a equidade, pois não traz ainda o olhar equânime, há de se ter respeito às diferenças para equivalê-las. Significa que mulheres, homens e LGBTQIA+ devem desfrutar, igualmente, dos mesmos direitos, recursos, oportunidades e proteção.

A igualdade de classes é um direito que promove o reconhecimento da paridade perante a lei, ou seja, a igualdade de oportunidades e de qualquer condição pessoal para todas as pessoas, sem fazer distinções com base na sua condição social. Busca construir livremente, coletivamente e democraticamente, oportunidades iguais para todas as pessoas ocuparem os espaços de poder em todos os espaços da sociedade brasileira, independentemente, de pertencerem às classes E, D, C, B e A.

A igualdade racial busca aumentar a equidade, reconhecendo as circunstâncias em que vivem as pessoas e buscando-as onde estão, com a intenção de atendê-las de forma diferente, dependendo de suas necessidades. É entendido como o fim das disparidades raciais para que os resultados sociais melhorem para todxs.

Buscar a igualdade de classe, raça e gênero implica construir políticas públicas que produzam equidade entre as pessoas, para se ter direitos e deveres iguais, ter as

mesmas oportunidades na educação, e na justiça social. Construir uma educação que liberte as mentes dentro de um sistema desigual que ainda deriva de indivíduos com propriedades em um sistema ocupacional sob um sistema de discriminação de gênero. Essa construção produzirá um sistema sem diferenças e dissimetrias.

## **2. O que repudiamos em nossa sociedade em relação à igualdade de classe, gênero e raça**

Podemos observar que há um sistema social injusto que exclui pessoas dos direitos básicos do ser humano. Pela educação que recebemos da família do estado e das religiões, em grande parte, reproduzimos a injustiça social que silencia as pessoas e reproduzimos o sistema patriarcal que esmaga as mulheres de modo geral, mas especialmente as mulheres negras, as mulheres indígenas e as mulheres ciganas, tal como a população LGBTQIAPN+.

São grupos que sofrem a violência pelo simples fato de existirem e assumirem uma posição diferente do modelo hetero e branco. Essas pessoas são violentadas e esmagadas por este sistema construído a partir de e para homens brancos que exercem relações de poder e excluem todas as pessoas que não se encaixam dentro do padrão sisNormativo.

Nossa educação formal coloca obstáculos à igualdade e replica a educação colonizadora! Assim, rejeitamos:

- A violência sob todas as formas: discriminação racial, patriarcado, currículo escolar colonial, uma “história única”, machismo, desigualdade, misoginia, silêncio (paralisia) da sociedade, falta de cuidado, não partilha e não solidariedade, para consigo mesmo/a e para com o/a outro/a, a subjetividade do preconceito nos comportamentos do dia a dia, a LGBTfobia;
- Toda e qualquer Educação que replique o preconceito e a discriminação sob todas as formas!
- A falta de consciência racial e a falta de locais onde se estude e reflita sobre gênero, classe e raça e toda forma de exclusão e [preconceito] pré-julgamento. ;
- O modelo de educação bancária tradicional, baseado na Pedagogia da dominação que promove modelos heteronormativos racistas e discriminatórios. Uma educação que não reconhece diferenças e discrimina com base na raça, classe ou gênero. Uma educação que não é contextualizada e permanece estática frente aos modelos colonizadores de dominação.
- O protestantismo histórico, pentecostal e neopentecostal, cujas indicações para ordenações eclesiásticas e ocupação de cargos tenham como critério o valor do dízimo, o gênero masculino (e, mesmo quando tentam incluir a mulher, excluem as questões LGBTQIAPN+) e a cor/etnia/raça branca.

### **3. Propostas para a construção de um currículo que eduque para a partilha e fraternidade**

Para construirmos um currículo que eduque para a partilha e para a fraternidade / sororidade, entendemos que é preciso:

- Gerar pensamento crítico, partilha, solidariedade, educação não violenta, educação ambiental, pensamento desencarcerador, inclusão, escuta, ser empático, educar no ecofeminismo, não aceitar a violência, ensinar o trabalho em equipe, trazendo nossas singularidades e experimentações para enriquecermos uns aos outros e desconstruir o antropocentrismo;
- Elaborar uma proposta curricular que abranja todas as idades, gerando espaços educativos em cada comunidade, espaços livres que possam educar dentro da educação popular que escuta, dialoga e constrói juntos, juntas e juntas. Fazendo denúncias, despertando nas pessoas o desejo do conhecimento que liberta. Uma reconstrução curricular que contemple todas as diferenças e dê luz verde para toda forma de amor;
- Promover e defender a igualdade de oportunidades para as pessoas, tendo em conta as suas necessidades e diferenças;
- Oferecer formação sobre temas relacionados à classe social, gênero e raça para que as pessoas sejam capacitadas com o conhecimento de seus direitos;
- Desconstruir crenças e estereótipos que perpetuam a discriminação e a desigualdade, oferecer ferramentas e despertar habilidades para aprender a conviver com as diferenças;
- Recuperar memórias históricas regionais para compreender o presente e assim facilitar a descolonização. Exercício do controle social por meio da interseccionalidade das pautas sociais, de organizações religiosas, de organizações da sociedade civil livres e organizadas, de sindicatos, de partidos políticos, de associações de moradoras, moradores, moradoras/es, etc. Participar ativamente das conferências temáticas municipais, estaduais, distritais e nacionais;
- No campo cristão, preparar ministras/os, tendo como fundamentação teórica a criação de novas teologias e teologias alternativas, tais como: negra, feminista, queer, ambiental, favelada, etc. Também devemos preparar pessoas para exercer os ministérios conforme os três ângulos da leitura popular da Bíblia propostos pelo Frei Carlos Mesters: a) a realidade da comunidade de hoje; b) a fé da comunidade de hoje; c) a realidade e a fé da comunidade do texto bíblico;
- Ler, estudar, pesquisar o que é movimento social, realizar plenárias ampliadas interseccionais unificadas de organizações religiosas, de organizações da sociedade civil livres e organizadas, de sindicatos, de partidos políticos, de associações de moradoras, moradoras/es etc. com o intuito de acordar ações políticas sociais de enfrentamento às violações de direitos humanos no chão do território.

- Provocar o enfrentamento aos órgãos públicos e privados para a criação de políticas públicas que contemplem a escuta ativa para apresentação de propostas da sociedade eclesial e da sociedade civil, fazendo a sistematização por um Google Documento e encaminhando aos poderes executivo, legislativo, judiciário em níveis municipal, estadual, distrital e federal.
- Denunciar publicamente as práticas dos crimes de machismo, misoginia, sexismo, discriminação, preconceito, racismo, homofobia, xenofobia e sionismo.

Propomos ainda que a mudança venha do chão do território, para garantir que todo o conhecimento seja partilhado. Propomos que toda ação política social tenha debate, conscientização e letramento e que continuemos a lutar contra a discriminação de gênero, raça e classe.

#### **4. Compromisso em relação ao tema do curso, na volta ao local de origem**

A partir dos estudos, reflexão individual e coletiva, assumimos o compromisso de:

- Estudar nossas responsabilidades, estudar/compartilhar/desconstruir a branquitude, educar para a não violência, trabalhar a importância da comunicação;
- Gerar pensamento crítico, escutar o nosso corpo/expressão corporal como forma de acolhimento e respeito consigo mesmo e com a outra pessoa, com ternura, sem perder minha identidade e modo de me posicionar.
- Cumprir e fazer cumprir a inclusão, tendo uma consciência mais coletiva, construindo rodas de conversas dentro dos nossos espaços, e como liderança usarmos a nossa voz no enfrentamento a fim de termos uma sociedade transformada, e transformadora, uma igreja comprometida com os temas e desafios sociais que oprimem as pessoas. E, como diz Paulo Freire, fazendo valer o esperar na vida de quem vive marginalizado.
- Ouvir ativamente, as mulheres com quem trabalho, mapear e depois levar a elas o que elas realmente estão pedindo e depois trazer instrumentos para que elas conquistem seus espaços!
- Mostrar e dar a conhecer as nossas raízes, em diferentes lugares e culturas e, acima de tudo, ter mais consciência dos privilégios de grupos que se sobrepõem aos outros;
- Lutar para que as leis sejam iguais para todas as pessoas, e que nas escolas não haja censura à liberdade de expressão;
- Assumir o compromisso de multiplicar conhecimentos: a) realizar workshops com meus colegas de trabalho e meus públicos-alvo para compartilhar o que aprendi e descolonizar pensamentos e comportamentos que não favorecem a igualdade; b) investigar a situação e as percepções das pessoas negras no meu contexto de vida e trabalho; c) continuar trabalhando para promover a igualdade de classe, gênero e raça; d) trabalhar na adaptação de técnicas participativas para trabalhar estes temas com as novas gerações.

## 5. Reflexões

Apesar do tempo corrido do curso, o planejado para a sistematização das aprendizagens foi realizado com êxito. Com momentos individuais de registro sobre cada tema tratado no curso; momentos de debate nos pequenos grupos; momento de revisão com todo o grupo presente, chegamos a um texto coeso sobre as questões apresentadas no curso, desde a experiência de cada cursista, a contribuição teórica da assessoria e a participação da coordenação.

Olhando o que se apresenta conceitualmente sobre igualdade de classe, gênero e raça, bem como a desigualdade que vivemos no dia a dia de nossa experiência familiar, social e de trabalho percebemos que todas/os tem a mesma indignação diante da desigualdade de classe, gênero e raça e lutam para mudar essa realidade, a partir de seus locais de origem nos movimentos sociais e nas pastorais onde estão inseridas/os.

Quando se fala sobre o que repudiamos em nossa sociedade em relação à classe, gênero e raça, aparecem dados da conjuntura local e mundial, onde o problema pode ser visto a olho nu. Neste espaço se destaca o que falta para se alcançar a igualdade que procuramos.

No item “propostas para a construção de um currículo que eduque para a partilha e fraternidade”, vimos uma gama de sugestões, muito boas e necessárias, as quais poderão ser refletidas nos grupos dos quais participam as e os cursistas deste ano. Faltou, no entanto, tempo para pensarmos juntas/os, propostas concretas de projetos educacionais (pastorais e sociais) com currículos que foquem “o quê” e “como” podemos trabalhar com cada grupo específico, como catequese, escola dominical, iniciação religiosa etc. **Este poderia ser um exercício para cada participante na volta ao trabalho pastoral e/ou social em seu local de origem. Pensar um plano de estudos para e com as/os educadoras/es que contemple esses elementos tratados no curso sobre a igualdade de classe, gênero e raça.** Isso tudo traduzido em linguagem acessível às/aos educandas/os e com foco em cada um desses elementos, separadamente ou em conjunto.

Quanto aos resultados das ações realizadas, solicitamos que sejam citados na avaliação pós curso que receberão daqui a seis meses.

O compromisso assumido pelo grupo 2024 responde ao que se apresentou como questão central do curso. O desafio, porém, é tornar esse compromisso uma realidade na caminhada da militância pastoral e social, de modo a se concretizar em ações, que cheguem às pessoas envolvidas com a educação, seja como educandas/os quanto como educadoras/es.

Agradecemos a contribuição de todas e todos na elaboração deste caderno, cujo processo foi tão importante, quanto o resultado final.

Abraço às/aos cursistas da parte de toda a equipe do CESEEP. O Caderno demonstra que, de alguma forma, cada uma e cada um contribuiu para que o curso tivesse êxito!